

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA POR PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Evanilson Landim Alves; Lícia de Souza Leão Maia; Wilma Pastor de Andrade Souza  
UPE, [evanilson.landim@upe.br](mailto:evanilson.landim@upe.br)  
UFPE, [liciaslm@hotmail.com](mailto:liciaslm@hotmail.com)  
UFPE, [wilmapastor@hotmail.com](mailto:wilmapastor@hotmail.com)

### Introdução

A ignorância é o insumo primeiro do preconceito. Por muitos séculos, as pessoas com deficiência têm sido vítimas de compreensões estereotipadas, preconceituosas e excludentes. O Brasil possui cerca de 45 milhões de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, segundo o Censo 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e 95% das crianças de 6 a 14 anos com deficiência, estão na escola, o que revela a importância de compreendermos como esses estudantes são vistos por todos os que fazem a escola.

Ao tratar das pessoas com deficiência, Mazzota (2005) aponta que a compreensão da sociedade a respeito dessas pessoas, até o século XVIII, baseava-se apenas no misticismo e ocultismo, não existindo até o momento uma literatura científica sobre a questão, ignorância, que dificultava ainda mais a inserção dessas pessoas na escola.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006, define como pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

A educação das minorias tem sido pauta de muitas discussões. Por séculos, o direito à educação foi um privilégio assegurado apenas à elite. Notadamente, as pessoas com deficiência foram por muito tempo excluídas da escola e de outros espaços sociais. Ainda hoje, essas pessoas enfrentam desafios e obstáculos no acesso e permanência na escola comum, consequência, de um modelo médico-pedagógico e assistencialista que norteou o atendimento a essas pessoas.

Infelizmente, ainda é visível a dificuldade da escola envolver de forma eficiente todos os estudantes no processo de aprendizagem, principalmente, aqueles que chegaram a pouco, e que, por muitos séculos, foram excluídos do processo educacional, como é o caso dos pobres, dos negros, das mulheres e das pessoas com deficiência. A escola tem sido incapaz de ensinar a todos (FERREIRA; FERREIRA, 2007).

Em estudos anteriores, a falta de formação adequada, as condições físicas, arquitetônicas e de recursos humanos das escolas, são as principais dificuldades que os docentes trazem à tona quando se referem a atuação com os estudantes com deficiência (ALBUQUERQUE; MACHADO, 2009; RODRIGUES, 2012).

Participaram dessa pesquisa, 148 Professores de Matemática da Educação Básica, que responderam a um questionário de associação livre com a expressão indutora *pessoa com deficiência*. O presente estudo, tem como objetivo principal apreender as representações sociais de pessoa com deficiência por Professores de Matemática da Educação Básica; está fundamentado na teoria das representações sociais, elaborada por Moscovici em 1961.

As representações sociais são teorias do senso comum, desenvolvidas coletivamente a partir das interações sociais, com o objetivo de tornar o estranho, familiar, e explicar a realidade (MOSCOVICI, 2010). A intenção, é buscar pistas que iluminem o modo como os estudantes com deficiência são percebidos pelos Professores de Matemática, dado que, as representações sociais conduzem às maneiras de agir, pensar e sentir (CAVALHEIRO, 2012).

## Metodologia

Os dados foram coletados por meio de um questionário de associação livre, constituído de duas partes. Na primeira parte, buscou-se identificar o perfil dos participantes (sexo, idade, formação e atuação profissional) e, na segunda parte, identificar as representações sociais de *pessoa com deficiência*.

A efetivação de uma representação social, requer a identificação de dois subsistemas: sistema central e sistema periférico. É por meio desses subsistemas que apreendemos o conteúdo e a organização da representação social (ABRIC, 2005), considerando a frequência de aparição e o grau de importância de cada elemento evocado.

A organização dos dados foi feita a partir da ferramenta computacional openEvoc desenvolvida por Sant'Anna (2012) que pautado na Teoria do Núcleo Central (ABRIC, 2005) organiza as evocações em quatro casas. Na casa 1, ficam os elementos mais frequentes e mais importantes (zona do núcleo central). A casa 2, abriga os termos com alta frequência e de menor importância (primeira periferia). Na casa 3, temos os elementos menos frequentes, porém, com alta importância (elementos contraste) e, na casa 4, as evocações pouco frequentes e menos importantes (segunda periferia).

## Resultados e discussão

Iniciamos a apresentação dos resultados, apontando o perfil dos participantes do presente estudo. A maioria dos professores é do sexo feminino (52%), tem entre 18 e 24 anos de idade (38%) e, 55% dos participantes disseram que já conviveram com pessoas com deficiência. A convivência aconteceu na escola (34%), principalmente, com estudantes com deficiência auditiva (18%).

No núcleo central das representações (casa 1), encontramos as palavras: *acessibilidade, superação, respeito e atenção*. De acordo com Abric (2005), o núcleo central se organiza a partir das normas e dos valores que constituem o ambiente ideológico do grupo; é a partir dos elementos centrais que os demais elementos adquirem sentido, trazendo à tona a sua função geradora. Na casa 2 (primeira periferia), temos os termos: *dificuldade, preconceito, limitação e carinho*. Na casa 3 (elementos contraste) as palavras encontradas foram: *desafio, aceitação, compreensão e esforço*. Finalmente, na casa 4 (segunda periferia), temos a evocação dos elementos: *exclusão, necessidade, dedicação e direito*.

Estes termos evocados, parecem revelar que, os Professores de Matemática veem as pessoas com deficiência, a partir de quatro sentidos, que constituem o campo semântico da representação social que ora analisamos: *sentido inclusivo* (acessibilidade, atenção, necessidade), *sentido afetivo* (superação, respeito, carinho), *sentido de demarcação* (dificuldade, preconceito, limitação, desafio, esforço, exclusão, dedicação). Certamente, o modo como os professores percebem essas pessoas, influencia suas ações diante do estudante com deficiência, já que a representação social guia a prática (CAVALHEIRO, 2012).

Os elementos periféricos (casas 2 e 4), reforçam o entendimento de que ainda existe a necessidade de as pessoas com deficiência demarcarem o seu espaço na aula de matemática, na escola e na sociedade, o que na análise das respostas apresentadas pelos participantes, parecem vir à tona com maior força por meio das palavras: *dificuldade, preconceito, limitação, exclusão e dedicação*.

De fato, as pessoas com deficiência ainda precisam se imporem para que possam acessar os espaços sociais, a escola e o direito de aprender nas mesmas condições dos estudantes que não possuem deficiência, o que não quer dizer, nem de longe, que as suas especificidades não devam ser respeitadas e consideradas pelos professores no planejamento e na vivência das suas aulas.

A acolhida, necessária a todos os estudantes, precisa ir além do assistencialismo, que por vezes, se concentra apenas na deficiência, na limitação e dissimula as competências e os talentos dos estudantes. Para isso, é preciso que seja cada vez mais ampliada e valorizada a diversidade na sala de aula. A convivência com o diferente, pode estimular o rompimento de pré-conceitos e favorecer a inclusão de todos na escola e na sociedade de forma eficaz.

### **Conclusões**

Apreendemos que, as pessoas com deficiência são vistas pelos docentes a partir dos pressupostos da inclusão, todavia, ainda vem à tona, alguns resquícios do assistencialismo, muito presente, no decorrer da história das lutas empreendidas por essas pessoas, na busca pela demarcação do seu espaço na sociedade.

A superação do entendimento das pessoas com deficiência apenas a partir das limitações, dificuldades e preconceitos que enfrentam, ocorre a partir da convivência com essas pessoas.

**Palavras-Chave:** estudante com deficiência; representação social; Professor de Matemática.

### **Fomento**

Pesquisa desenvolvida com o financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco (FACEPE).

### **Referências**

ABRIC, J-C. La recherche du noyau central et la zone muette des représentations sociales. In: ABRIC, J-C (Org). Méthodes d'étude des représentations sociales. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2005.

ALBUQUERQUE, E. R.; MACHADO, L. B. Resistências e impossibilidades nas representações sociais de inclusão de professoras. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. Anais da 32ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu: ANPED, 2009.

CAVALHEIRO, A. de M. Com outros olhos: um estudo das representações da "cegueira" e/ou "deficiência visual. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2012.

FERREIRA, M. C; FERREIRA, J. R. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: GÓES, M. C.; LAPLANE, A. L. F. (Orgs.) **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação Especial no Brasil. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, M. C. Representações de professores acerca da inclusão de alunos com deficiência visual no ensino regular. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Dissertação de Mestrado), 2012.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANT'ANNA, H. C. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em representações sociais. In **VII Encontro Regional da ABRAPSO-ES**. Vitória, 2012.